



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Pior que um sorriso amarelo é viver amareladamente a existência que foi concebida como tela de múltiplas cores, onde o cheiro das tintas são ousadia por outros brilhos. Pior que não sorrir é não querer reconhecer os motivos para tal que, embora tantas vezes obscuros e profanados, são sempre certeza de novas esperanças, de outros tempos e oportunidades que emergem com o raiar de cada madrugada. É certo que, não raras vezes, preferimos nem espreitar o que a realidade, o tempo e a vida nos presenteiam, evitando danos maiores ou fragilizando mais o que frágil já muito é; a todo o custo queremos impor e ostentar um sorriso, manifestando precisamente o contrário do que se sente e se experimenta, esquecendo que, mais que secar lágrimas, há que evitar o seu derrame. Facilmente esquecemo-nos que a alegria não se confunde com sorrisinhos melados que, de tão peganhentos, nem abelhas ou outro tipo de bicharada atraem, que, de tão vazios e esquizofrénicos, expõem o contrário daquilo que querem transmitir.

Sim, a alegria tantas vezes se traduz em olhos rasos de lágrimas e este ser, quase antagónico, coloca a manifesto aquilo que a alegria é em plenitude: mais que um sentimento é uma forma de ser e de estar, a capacidade de viver, harmoniosamente, tudo o que se é, tem e se experimenta, não a partir de uma aceitação passiva mas de um dinamismo e força interiores que coloca cada coisa no seu lugar e cada lugar na totalidade do meu eu.

Há quem prefira a lamechice de um pranto eterno, que de terno nada tem, ao invés de ariscar um processo de harmonização pessoal e comunitária, onde tudo e todos é integrado na miscelânea da história que só o é por todos incluídos, onde a reconciliação com a minha verdade e com a de cada um e de cada realidade desponta aquela harmonia que me faz experimentar aquela suavidade e beleza do Génesis.

Há quem prefira viver num “tristianismo” que Jesus nunca fundou, e que só afunda a legião dos seus adeptos, azedando-lhes ainda mais e avinagrando o semblante, sentimentos e palavras que, qual fruta podre, só servem para apodrecer as restantes: muito vinagre gera anemia e destes “anémicos” livrai-nos, Senhor!

Há quem ainda não encontrou na “Boa Notícia”, notícias boas para espalhar, possibilidades de ser e viver diferentes, muito diferentes, onde a diferença está na vivência da sua originalidade porque, afinal, “o Espírito do Senhor” mais do que sobre nós, está mesmo em nós e em nós produz aquela unção regeneradora e reconciliadora que, ao ser cumprida e vivida, envia, anuncia, cura, proclama, liberta e promulga novos benefícios de Deus. Temos muita falta de ungidos com este paradigma! De “tristianismo” e de “tristãos”, mais do que cheios, estamos cansados: o nosso tempo exige e reclama por um cristianismo de cristãos, homens e mulheres que semeiem a alegria de um Deus presente, a alegria de uma Palavra que me possibilita ser mais, cristãos que toquem as existências e as realidades com a alegria de quem é feliz com Deus e por Deus, de quem, mesmo nas adversidades sabe-se terna e eternamente amado e querido e, mesmo quando tudo não dá certo, sabe que a alegria é o que mais dá certo!

Mesmo que as lágrimas nos corram no rosto, que o sofrimento nos magoe; mesmo quando a tristeza nos toque... seremos sempre, e para sempre, um sorriso de Deus!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

III DOMINGO DO ADVENTO

Domingo da Alegria

Ano B

1ª Leitura

Isaías 61,1-2a.10-11

Exulto de alegria no Senhor

2ª Leitura

1 Tessalonicenses 5,16-24

Todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve para a vinda do Senhor

Evangelho

São João 1,6-8.19-28

No meio de vós está Alguém que não conheceis

A Palavra deste Domingo, 3º do Advento e Domingo “Gaudete” – alegria –, garante-nos que Deus tem um projecto de salvação e de vida para propor aos homens e para os fazer passar das “trevas” à “luz”.

Na primeira leitura, o profeta apresenta-se aos habitantes de Jerusalém com uma “boa nova” de Deus. A missão deste “profeta”, ungido pelo Espírito, é anunciar



um tempo novo, de vida plena e de felicidade sem fim, um tempo de salvação que Deus vai oferecer aos “pobres”; Isaías como que apresenta o plano programático da missão de Jesus: anunciar; curar; libertar. Esta é a verdadeira missão de Jesus Messias e, com Ele, de todo o Seu

discípulo.

João Baptista, no Evangelho, é apresentado como a “voz” que prepara os homens para acolher Jesus, a “luz” do mundo. O seu objectivo não é centrar sobre si próprio o foco da atenção pública; ele está apenas interessado em levar os seus interlocutores a acolher e a “conhecer” Jesus, “Aquele” que o Pai enviou com uma proposta de vida definitiva e de liberdade plena para os homens.

Na segunda leitura Paulo explica-nos a atitude que é preciso assumir enquanto se espera o Senhor que vem. Paulo pede-nos que sejamos uma comunidade “santa” e irrepreensível, isto é, que vivamos alegres, em atitude de louvor e de adoração, abertos aos dons do Espírito e aos desafios de Deus.

S. Paulo apresenta-nos a vontade de Deus a nosso respeito. E qual é esta vontade? Ser alegres; orar sem cessar; dar graças a Deus em todas as circunstâncias.

SABIAS QUE...



... a Coroa do Advento é um dos vários símbolos característicos deste tempo litúrgico?

Com origem provável nos países nórdicos apontando, inclusivamente, alguma literatura para os cristãos luteranos como aqueles que estiveram na origem da criação da Coroa do Advento enquanto símbolo deste tempo, na religião católica é em 1925 e em 1930, em Colónia e Munique, respectivamente, que se assinalou, pela primeira vez, a adopção deste símbolo.

Contudo, e a partir desta data, o seu uso, durante o tempo litúrgico do Advento, assumiu uma marcante relevância enquanto símbolo do mesmo. Assim, não sendo o cerne do Advento, os vários símbolos utilizados durante o mesmo contribuem para uma vivência profícua deste tempo ajudando-nos a mergulhar no mistério da encarnação.

Entre estes símbolos, como seja a cor roxa dos pa-

ramentos litúrgicos, a coroa do Advento ganha especial importância. A sua forma circular, habitualmente conseguida pela disposição geométrica de ramos verdes, simboliza, por um lado, a eternidade de Deus, uma vez que na circunferência não há princípio nem fim, é um Deus que veio, que vem e que virá, e, por outro, na sua cor verde é sinal de esperança e da vida nova que Cristo trará e que não passa.

Do mesmo modo, a fita vermelha que a adorna remete-nos para o amor de Deus que nos envolve e para a manifestação do nosso amor que espera, ansioso, o nascimento do Filho de Deus; nascimento que é enfatizado pela luz nascente, fornecida pelas velas, que indica a proximidade do Natal, quando Cristo, salvador e luz do mundo, brilhará para toda a humanidade, representando, também, a nossa fé e alegria pelo Deus que vem.

Por último, a cor das 4 velas, representativas dos 4 Domingos do Advento, habitualmente roxa ou então com uma delas rosa, nomeadamente a do terceiro Domingo por corresponder ao Domingo Gaudete ou da Alegria, simboliza e convida-nos à purificação interior como preparação para a vinda do Senhor.

Saibamos, pois, mergulhar neste tempo do Advento e, por meio dos seus símbolos, aprofundar esta nossa vivência até ao Natal de Jesus.

POR CÁ

Diocese de Angra com três novos Diáconos



Na passada terça-feira, Solenidade da Imaculada Conceição, o bispo de Angra ordenou três novos diáconos, alunos do 6º ano do Seminário Episcopal de Angra: Jorge Sousa, de Ponta Graça, João Silva dos Mosteiros e António Santos das Furnas, todos da ilha de São Miguel. Os novos diáconos deverão ser ordenados sacerdotes no final deste ano lectivo. A celebração de Ordenação decorreu no Santuário de Nossa Senhora da Conceição, em Angra do Heroísmo, apesar dos muitos constrangimentos devido à situação de pandemia.

Na homilia, D. João Lavrador convidou as comunidades católicas a “um serviço e testemunho que impregne o mundo de hoje de amor e de fraternidade, da verdadeira amizade social, segundo o pensamento social do Papa Francisco”: “Nunca é demais, na situação dramática que vive a nossa sociedade e os desafios que nos são lançados pela cultura actu-

al, sentir o apelo a não ter medo porque tudo é obra do Espírito Santo”.

Partindo da liturgia do dia, D. João Lavrador pediu aos jovens que se deixem estimular pelo “caminho da santidade de vida” mas também pelo “serviço e testemunho” que podem transformar a humanidade.

A entrega total de Maria “é o maior desafio a todos os baptizados para que se transforme a humanidade neste tempo”, disse.

“A exemplo dela, vós sois a expressão desta disponibilidade” referiu ainda D. João Lavrador, destacando a “densidade do chamamento” sobretudo neste mundo actual.

O bispo de Angra referiu, ainda, que a humanidade deve ser “casa comum de todos os homens e mulheres”, seguindo a última encíclica do Papa, ‘Fratelli Tutti’.

“Urge colocarmo-nos sob a luz e a acção do Espírito Santo para dissiparmos os medos, as dúvidas e, pelo seu poder, deixarmo-nos libertar e conduzir para a missão que Jesus de Nazaré nos entrega para a salvação do mundo”.

“Que através de nós e do nosso compromisso se transforme a humanidade deste tempo e se imprima na criação tal esplendor que ela mesma reflita a beleza, a bondade, o amor e a ternura de Deus Criador e se transforme, na actualidade, em casa comum de todos os homens e mulheres”, exortou o prelado diocesano.

POR LÁ

Papa convoca Ano dedicado a São José

Em dia da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro, o Papa anunciou a convocação de um Ano dedicado a São José, para assinalar o 150.º aniversário da sua declaração como padroeiro da Igreja universal, feita pelo Beato Pio IX a 8 de Dezembro de 1870.

Francisco publicou a Carta Apostólica ‘Patris Corde’ (com coração de pai), destacando que “depois de Maria, a Mãe de Deus, nenhum Santo ocupa tanto espaço no magistério pontifício como José, seu esposo”.

O Papa refere que num momento de crise “económica, social, cultural e espiritual” é necessário redescobrir o valor do trabalho para dar origem a “uma nova ‘normalidade’, em que ninguém seja excluído” e evoca todas as pessoas que se dedicaram aos outros no actual momento de pandemia, muitas vezes longe dos holofotes dos media e da opinião pública: “Todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e uma guia nos momentos de dificuldade”, escreve.

A carta apresenta a figura de São José a partir da sua dimensão paterna, como “um pai que foi sempre amado pelo povo cristão”, exemplo de ternura e confiança em Deus.

O Papa, conhecido pela sua devoção a São José, destaca a capacidade de acolher o que parece inexplicável, nos vários momentos da sua vida, para depois

“receber os outros, sem exclusões, tal como são, reservando uma predilecção especial pelos mais frágeis”.

Francisco elogia a “coragem criativa” de São José, que apresenta como “o verdadeiro ‘milagre’, pelo qual Deus salva o Menino e sua mãe”.

Num decreto divulgado pelo Vaticano, Francisco determina que entre o dia 8 de Dezembro; “todos os fiéis terão assim a oportunidade de se comprometer, com orações e boas obras, para obter, com a ajuda de São José, chefe da Família celestial de Nazaré, conforto e alívio das graves tribulações humanas e sociais que hoje dominam o mundo contemporâneo”, refere o Papa.



ENTRE NÓS...

Ser e Sentir a verdadeira ALEGRIA!



Deus não nos fez menos do que perfeitos!!!

É certo que a nossa essência humana permite-nos ser, sentir e exprimir tantos sentimentos únicos e variados: a verdade, a injustiça, o amor, o fracasso, a tris-

teza, a alegria, entre tantos outros... Afinal, para sabermos o que é certo tem de existir o errado, para existência do alto - o baixo, para o pequeno - o grande. E é neste carrossel diverso em sentimentos e escolhas que muitas vezes, dada a nossa

condição humana, leva-nos a caminhos diferenciados do que é verdadeiramente ESSENCIAL e consequentemente a afastarmo-nos de sermos e sentirmos a verdadeira ALEGRIA.

A Época Natalícia é um exemplo perfeito, do que muitas vezes nos coloca à prova no mundo. Se por um lado não nos queremos esquecer de Jesus (o Menino), por outro não estamos dispostos a deixar os enfeites em excesso. Se por um lado, nesta época, urge um espírito mais sensibilizado para os carenciados, por outro não dispensamos o consumismo gastronómico e afins. É neste vai e vem de emoções, que muitas vezes sentimo-nos aquém do que nos é proposto! Já Romanos 14:17 nos diz: “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.

É necessário não esquecer que a proposta de nos voltarmos ao nosso interior, é permanente! A proposta de vivermos em harmonia com o que sentimos e com os que vivemos, é imperiosa! A proposta de voltarmos à simplicidade onde tentamos ser sempre mais, amarmo-nos e sermos exemplos de fé, é sem dúvida, o que ainda mais nestes tempos que correm, se torna fulcral.

Apenas assim e tão só conseguiremos

ter verdadeiramente Jesus no coração e permitir que ali permaneça, com tudo o que isto implica - Sermos e Sentirmo-nos pessoas verdadeiramente alegres, libertando-nos de tudo o que nos machuca, invade e esmorece!

Desta forma ajuda-nos o evangelho, que nos propõe as linhas estratégicas a seguir pela vivência, no sentido único de pura e extrema ALEGRIA, como refere João 15:15: “Tenho dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa.”, sendo certo que para que tal aconteça é necessário que “Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá alegria” (Coríntios 9:7).

Assim, só posso desejar que apesar das lutas diárias, das derrotas e das fraquezas, saibamos aprender e crescer com elas, em Alegria. Apesar dos momentos de êxtase, de partilha, de unidade, saibamos também nós os agradecer com Alegria. Afinal, no fim de contas, sermos e sentirmos a libertação com esta Alegria é escolha sempre nossa!

E tu o que tens escolhido até aqui? E agora, qual será a tua escolha?

Gisela Baptista